



Apocalipse e terapia familiar: saúde planetária e ecopsicologia

Ana Maria Fonseca Zampieri^{1,*} 

1. Fonseca & Zampieri Assessoria e Desenvolvimento em Educação e Saúde – São Paulo (SP), Brasil.

Editora de seção: Eliane Pelles 

*Autora correspondente: cons_amfz@hotmail.com

Recebido: 01 Fev. 2024 Aceito: 18 Abr. 2024

RESUMO

Articulam-se conceitos da terapia familiar, da ecopsicologia, da saúde planetária e de crises climáticas a novos desafios da saúde mental das famílias. Associa-se o termo *apocalipse* à oportunidade de revelar reflexões sobre ações terapêuticas nos *settings* das terapias familiares, que promovem desconstruções paradigmáticas que levam à conscientização de reconhecimento das inevitáveis interligações do ser humano em sua pertinência à natureza. Convida os terapeutas familiares a discussões ligadas a ecoansiedades, ecolculpa, luto ecológico e outras ansiedades biofóbicas, presentes explícita e implicitamente nos protagonismos do palco das terapias familiares.

Palavras-chave: Terapia familiar. Saúde planetária. Ecopsicologia.

Apocalypse and family therapy: planetary health and ecopsychology

ABSTRACT

The author articulates concepts from family therapy, Ecopsychology, planetary health and climate crises with new challenges in family mental health. It associates the term *apocalypse* with the opportunity to reveal reflections on therapeutic actions in the settings of family therapies, which promote paradigmatic deconstructions, which lead to awareness and recognition of the inevitable interconnections between human beings and their belonging to nature. It invites family therapists to discussions linked to eco-anxieties, eco-guilt, ecological grief, and other biophobic anxieties, present explicitly and implicitly in the protagonists of the family therapy stage.

Keywords: Family therapy. Planetary health. Ecopsychology.

Apocalipsis y terapia familiar: salud planetaria y ecopsicología

Resumen

El autor articula conceptos de la terapia familiar, la Ecopsicología, la salud planetaria y las crisis climáticas con nuevos desafíos en salud mental familiar. Asocia el término *apocalipsis* con la oportunidad de revelar reflexiones sobre acciones terapéuticas en el ámbito de las terapias familiares, que promueven desconstrucciones paradigmáticas, que conducen a la conciencia y al reconocimiento de las inevitables interconexiones entre los seres humanos y su pertenencia a la naturaleza. Invita a los terapeutas familiares a debates vinculados a las ecoansiedades, la ecolculpabilidad, el duelo ecológico y otras ansiedades biofóbicas, presentes explícita e implícitamente en los protagonistas de la etapa de terapia familiar.

Palabras clave: Terapia familiar. Salud planetaria. Ecopsicología.

INTRODUÇÃO

“A luz está esperando ser sentida por nós em visões de um novo paradigma e um novo tipo de cultura que todos podemos criar”, diz Carolyn Baker (2020). O apocalipse aproxima-se? *Apocaluptein*, do grego, significa tirar o véu, revelar. O que uma fantasia, mito ou ameaça concreta de um apocalipse ecológico pode nos revelar? Tiramos, pouco a pouco, talvez muito lentamente, o véu do que o separatismo homem/natureza colabora com o esgotamento de nosso planeta Terra. Estaríamos tão apegados à nossa mãe Terra, como afirmam Morin e Kern (2023), que não admitimos o desmame necessário para a nossa evolução humana?

Nos palcos da terapia familiar nos quais estamos ativamente presentes há mais de quatro décadas, percebemos como mudanças profundas construtivas são espasmódicas e podem germinar no disruptivo, de algo que entrou em colapso, desmoronou e nasceu no desconhecido (Lederach, 2011).

Nos pensamentos complexos desenvolvidos nas terapias familiares, encontramos com maior frequência os protagonistas: Terra, mortes, apocalipses, destruições, repetições, procuras, sofrimentos e gozos. Quantas ações automatizadas nos enganam nos imbrólios dos significados do homem/natureza? Como a formação de terapeutas familiares precisa incluir a ecopsicologia?

O *locus* da terapia familiar é uma das preciosas oportunidades para a visibilidade e conscientização dos circuitos de trocas de valores, crenças, significados e condutas que se retroalimentam ao longo do ciclo de vida das famílias. Observar participativamente as relações intrínsecas ocultas e/ou explícitas entre seus temas e a saúde planetária poderá favorecer e ampliar a conscientização da coexistência de perspectivas distintas, que necessitam de legitimação para a saúde mental de todos nós, no processo do viver este século XXI.

Temos discutido nos diversos fóruns de terapia familiar no Brasil, especialmente desde os tempos da Covid-19, como nos inter-relacionar entre nós e a natureza, fazendo parte do mesmo ecossistema comunicativo. O cientista social e climatólogo Bendell (2020) afirma que é preciso que nos preparemos emocional e praticamente para minimizar um possível colapso no planeta Terra.

Como será que não perdemos as imposturas ensináveis de sempre chegar ao lugar de onde nunca se partiu? (Cummings, 2016). É importante que todos nós, e aqui incluo os terapeutas de famílias, façamos as perguntas: como conservamos o que de fato queremos conservar? Como explorar renúncias consumistas para ajudar pessoas que experimentam terror, dor e confusão? Como restaurar ações e propostas de vida sem alimentar nossa civilização por hidrocarbonetos, processos geológicos de se formar acumulações comerciais como petróleo, gás natural e carvão, entre outros? E, por último, como criar maneiras de viver no mundo com reconciliações entre nós, familiares, sociedades, culturas, povos, religiões, gêneros, políticas e gerações?

Poderemos como terapeutas de famílias inspirar a todos a pensar na superação das desesperanças e coconstruir o amar aqui e agora. A esse respeito, o Papa Francisco (2023) publicou *Exortação Apostólica* Laudate Deum: *a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática*, em que afirma que tudo está interligado e ninguém se salva sozinho. A natureza não é mera moldura na qual nossas vidas familiares desenvolvem nossas existências e projetos. Somos uno! *Fratelli tutti*, na cultura pós-moderna, é um chamado para sensibilidades com os mais frágeis e os menos dotados de poder. Essa publicação do Papa Francisco, de 4 de outubro de 2023, está de acordo com as atuais propostas da ecopsicologia, com seus aportes da relação profunda e recíproca entre os humanos na natureza, e convida-nos para a saúde vincular ecológica e com relação ao inconsciente ecológico, à persistência de destruir a Terra sem saber que não sabemos e na busca do enfrentamento da cegueira autodestrutiva da humanidade biofóbica, narcisista e autorreferente.

A 27ª Conferência do Clima da Organização das Nações Unidas (COP27), de Sharm El-Sheikh, de 2022, em plena invasão da Ucrânia, alertou o mundo para o não alcance da proposta da COP21 de Paris (2015) no que diz respeito a manter o aumento das temperaturas médias globais abaixo de 2°C. A COP28, que ocorreu em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos, terminou com um acordo histórico para transição dos combustíveis fósseis para fontes limpas e renováveis de energia. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) António Guterres, em 13 de dezembro de 2023, declarou:

Saúdo também todos aqueles que lutaram pelo resultado mais robusto possível, incluindo a sociedade civil e os jovens em todo o mundo. A COP28 ocorreu num momento decisivo na luta contra a crise climática, um momento que exige a máxima ambição, tanto na redução de gases de efeito estufa, quanto na justiça climática... e o multilateralismo continua sendo a melhor esperança da humanidade...

O Brasil ofereceu-se para sediar a COP30, na Amazônia, em 2025.

As chamadas *metas urgentemente necessárias* poderão contemplar quais famílias serão envolvidas, assistidas e preparadas para os vários desafios das ações necessárias para o bem-estar e saúde mental? Haverá ações efetivas, além do registrado

em papel? Assim como nós, terapeutas familiares do Brasil, buscamos intercâmbios teóricos e metodológicos para ações preventivas e terapêuticas para as inúmeras experiências de catástrofes e crises traumatogênicas, que temos atendido em nossas práticas clínicas e assistenciais.

Importante será que nós, terapeutas familiares, desenvolvamos lentes para transgredir a amnésia ecológica transgeracional (Morin & Kern, 2023) para a nutrição dessa visão integradora e colaborativa nas relações familiares e planetárias.

A desconexão contínua entre os humanos e a Terra promove uma dissociação pandêmica por causa do trauma ecológico recorrente. A mudança para sociedades em harmonia com a biosfera depende das dimensões emocionais e psicológicas de seus habitantes, intimamente ligadas à disponibilidade da energia ecopsíquica (Villaseñor Galarza, 2017).

O ponto de mutação para a grande virada da opção pela vida é constituído de ações em defesa da Terra, mudanças paradigmáticas das percepções de realidades conativas, cognitivas e espirituais e análises multiprofissionais de construção de sociedades sustentáveis, como afirmou Capra (2006).

ECOPSICOLOGIA NA TERAPIA FAMILIAR

Todas as formas de vida têm um direito intrínseco a existir, e a população humana não deveria exceder a capacidade de exploração da Terra, afirmou Arne Naess (1989).

A ecopsicologia (Pinkola, 2022) reúne ecologia, que estuda o meio ambiente, e psicologia, que estuda o ser humano, funcionando como uma abordagem da psicologia que busca entender as conexões psíquicas com o mundo natural. Essa é uma perspectiva que nos ajuda a entender melhor a nós mesmos e o mundo, reconhecendo que a natureza não é algo separado do ser humano, isto é, não somos seres independentes. Convida-nos à esperança ativa: como a prática de estar e agir no mundo, sendo a paz, a resiliência e a corresponsabilidade por nossas saúdes planetárias. Nas sessões de terapia familiar as discussões intergeracionais sobre consumismo, desperdícios e usos indevidos de petróleo, por exemplo, são oportunidades para a cocriação dessas reflexões para novas ações.

Estamos vivendo os efeitos colaterais de nossa evolução? Peter Russell (1991) afirma que há uma crise de percepção na desconstrução de que o homem não é o centro da criação. Consumimos a nós mesmos quando a expectativa de felicidade está em termos, materialmente, cada vez mais. Nossas crianças trazem para as sessões de terapia familiar temas ligados à solidão e compulsão por relações digitais. Nossos adolescentes questionam e transgridem a necessidade de seguir os caminhos hipócritas propostos para a felicidade, de nos tornarmos pessoas ricas e bem-sucedidas na vida. A ansiedade, o medo crônico de sofrer um cataclismo ambiental, está presente nessas demandas no *setting* terapêutico familiar. Estamos abertos, disponíveis e preparados para temas como esses e colaborar com a saúde planetária?

As relações de gênero e liberdades sexuais atingem satisfações de prazer auto e hetero nas relações de nossos jovens casais e parceiros? Quando e como pessoas de meia-idade podem replanejar suas vidas? Quais são os critérios de uma vida saudável e bem-sucedida? Quais lugares prestigiam o cuidar de nossos idosos, cada vez mais populosos nos bilhões de seres que constituímos neste mundo planetário atual?

As saúdes planetárias (Biehl & Petrina, 2014) e familiares sofrem vários impactos por alterações climáticas, em diferentes áreas geográficas e com ameaças distintas à saúde mental (Ferreira, 2022). A escassa literatura provavelmente está ligada à complexidade e a intensos choques com fenômenos assustadores, dinâmicos ou de grandes impactos. O pensamento ecosófico proposto por Guattari (2022) propõe que religuemos os saberes da subjetividade humana, das relações sociais e do meio ambiente.

Que valor tem a vida de nossos filhos, expostos à ganância e corrupção das leis vigentes de saúde e segurança? Várias comunidades de pais fizeram esse questionamento após, por exemplo, o incêndio da Boate Kiss, o desastre em Brumadinho (MG), deslizamentos de terra em Petrópolis (RJ) e chacinas em escolas em 2023 (Zampieri, 2016; 2023). Aqui também falamos da saúde planetária: vidas de jovens, de crianças, da natureza, agredidas igualmente, estão sendo desvalorizadas em função de ações antiéticas, nas corresponsabilidades sociais do nosso planeta e nossa gente.

MUDANÇAS CLIMÁTICAS E SAÚDE MENTAL

Todos nós, seres humanos, possuímos um eu multifacetário. Essas facetas podem estar opacas, invisíveis, sem uso, mas prontas para serem ativadas quando o entorno nutridor permitir que emerjam, afirmam Jorge Colapinto et al. (2009).

Novos termos pesquisados sobre as ligações entre mudanças climáticas e problemas de saúde mental são: ecoansiedade, ecoculpa, luto ecológico e ansiedades biosféricas, entre outros (Antonov, 2012). Os efeitos dessas alterações climáticas, diretos, indiretos, de curto ou longo prazos, são transmitidos transgeracionalmente.

Desde a década de 1970, cientistas tentam estudar efeitos dessas alterações climáticas em função das condições de nosso planeta e de atividades antropogênicas, como utilização excessiva de combustíveis fósseis, desflorestação, poluição e aquecimento global. Já enfrentamos extinção de plantas e animais, inversões de interações entre predadores e presas, fome, imigração forçada, sobrelotação de zonas costeiras e doenças transmitidas por vetores. Não há novo normal na era pós-Covid-19, mas sim a presença da conhecida normose, como patologização da normalidade, neologismo citado por Weil et al. (2014).

Essas temáticas estão presentes nos relatos de desesperança e depressão, ideias suicidas e de estresse agudo, nos sistemas familiares que compomos na terapia familiar. Em atendimento a pessoas danificadas por catástrofes, após a fase de choque, elas questionam o sentido de se manterem vivas num ambiente em que a agressão da natureza é um fato a ser revivido. Quando isso para? Bateson (1985) já dizia que, enquanto atribuímos apropriações do planeta como algo a ser explorado, de forma ignorante e inconsciente, sem considerações éticas ou morais, somos humanos alimentadores das crises ecosóficas.

Sistemas abertos, como famílias, sociedades e relações planetárias, mantêm equilíbrios de autorregulação, que evoluem em complexidade e se beneficiam de retroalimentações ampliadoras de divergências e constante aprendizagem. Ignorar essas retroalimentações nas mudanças climáticas é possibilitar o colapso do sistema planetário, como, por exemplo, essa disrupção do clima causada por atividade humana, contaminações químicas, alterações genéticas, gestão de resíduos e o mito do progresso ilimitado.

Para inserir esperanças em um futuro melhor, é necessário que façamos muitas concessões no presente, que desconstruamos falsas esperanças e vivamos o aqui e agora, com maiores reflexões integradoras sobre como somos a natureza, nos diversos mapas de amores possíveis (Rinne et al., 2023).

Na experiência clínica, observamos vários tipos de sofrimento psicológico e/ou psicopatológico após catástrofes, inundações e acidentes graves. Quadros de ansiedade, uso abusivo de álcool e drogas, transtorno de estresse pós-traumático, potencializações de violência nas relações familiares, profissionais e sociais, lutos difíceis, vulnerabilidades pela pobreza, questões de gênero, etárias, urbanistas e outras. Da mesma forma, vários desses sofrimentos estão ligados a expectativas, muitas vezes de alto teor realista, de catástrofes anunciadas, repetições de negligência e desamparo e baixa colaboração educativa para a saúde mental. Algumas vezes resignadas ao que chamam de castigo divino, algumas pessoas se fixam na ambiguidade culpa/vitimização e pouco buscam suas corresponsabilidades na violência contra a natureza. Ações sociais *remendam* as crises, mas com pouca profundidade, na reconstrução de moradias em espaços ecologicamente sustentáveis e seguros, como tenho observado nos últimos 20 anos trabalhando em programas de ajuda humanitária e psicológica em catástrofes (Zampieri, 2016).

REFLEXÕES FINAIS

Para o Papa Francisco (2023), “calor anormal, seca e outros gemidos da Terra, são apenas algumas expressões palpáveis de uma doença silenciosa que nos afeta a todos”.

Como nós, terapeutas de famílias, poderemos nos debruçar nas várias oportunidades de nossas atuações profissionais e como cidadãos, nos dispositivos de produção de subjetividades, de ressingularizações individuais e coletivas, em todos esses aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais? Como dar visibilidade à manutenção de conflitos intrapessoais e solidão ante a saúde planetária, como processo ameaçador de deterioração? Combinaremos forças multidisciplinares para partilhar, criar e promover conhecimentos, consciências e responsabilidades para a saúde mental planetária protagonizados por essas famílias? De quais formas inspiramos narrativas para recompor práticas sociais e individuais, colaborativas na ecologia?

Em nossas experiências em promover assistências psicológicas breves nos locais afetados por catástrofes e crises, discutimos como contextualizar essas propostas em cada cultura, família e autoridade social. Fazer eco das vozes, muitas vezes tímidas, das pessoas afetadas e mais vulneráveis é uma das formas de convidarmos autoridades a ações compassivas concretas e éticas. “Como vou viver sem meus quatro filhos, que sumiram num abismo que a corrente de barro provocou?” “Escolhi deixar minha mãe idosa para trás, porque precisava correr, com seis crianças, da água que descia sobre nós!” “Precisei colocar meus dois guris nas costas e dizer que os cadáveres de gente e de cachorros que boiavam naquelas águas eram bonecos. Como fui covarde!” “Precisamos de água, remédios, roupa, camas secas e alguém que nos ajude a ter esperança e fé de novo!”

Há vozes que se cruzam em emoções de impotência e de solidariedade e força: “Vamos reconstruir nossa cidade”; “Quando somos escutados e escutamos, somos uma só força!”; “Quero ajudar a fazer nova escola que a água e o barro levaram!”; “Rezo com as mães enlutadas à beira do que sobrou na represa, para que ninguém mais passe por abandonos como estes!”; “Posso sobreviver e buscar mais sonhos sem ter culpa de ter ficado vivo!”; “Podemos morar num lugar onde as chuvas não levarão novamente minhas pessoas, meus animais de estimação e as fotografias da nossa história de vida?”

Acreditamos que somos interdependentes de toda a vida planetária e cósmica e que todas as formas de vida têm direitos intrínsecos de existir? Estamos nos preocupando continuamente para trabalhar as diversas expressões da ansiedade climática de nossas famílias, com estratégias para o enfrentamento focado no problema, nas emoções e nos significados que essas ansiedades requerem, sugere Ojala (2019). Nossas práticas clínicas e educacionais podem ser cada vez mais facilitadoras de restaurações de visões integradoras com éticas de cuidados de nossas redes comunitárias, com preparações de equipes de crises e traumas, com reinvenções de lideranças humanitárias e comunitárias que cuidem e promovam as pazes com o sofrimento, com nossos erros e acertos transgeracionais e com as mortes que vivemos e viveremos? “O crime contra a humanidade não é aquele que põe em jogo um indivíduo isolado, mas sim o que atinge um indivíduo pelo fato dele pertencer a um grupo!” (Ojala, 2019).

É possível, de acordo com Chalquist e Butell (2009), viver o “encantivismo”? Quando inspiramos mudanças sociais profundas no ativismo da busca regenerativa de nossos esforços trabalhados, com nossas famílias, suas histórias, seus ritos, seus sonhos e conexão e presença no planeta Terra, temos momentos profundos de encantamento com nossos encontros. Assim, inspirados pela civilidade e pelo respeito, facilitaremos transmutações enquanto mudança profunda e duradoura. Jung (2013) disse que os problemas da vida não são resolvidos, mas superados. Superações colaborativas servem e fortificam resiliência.

Nessas reflexões, como terapeutas familiares, podemos nos conscientizar de sermos colaboradores e facilitadores de uma transrevolução (Estulin, 2019) para mudança profunda em sistemas complexos, com transmutações estruturais de segunda ordem, na cultura mundial em direção à autogovernança justa, inclusiva e amante da Terra.

Começar fazendo o que é necessário, depois o que é possível e, de repente, estaremos fazendo o impossível, dizia São Francisco de Assis (século XIII). Onde a psique encontra Gaia?, pergunta-nos Theodore Roszak (1995). Talvez na biofilia e forças de trabalho para lidarmos com e defendermos as ameaças de extinção da biodiversidade e da saúde mental, que serão a abertura para amar nosso planeta. Nosso compromisso com a biofilia como saúde mental de nossas famílias é um processo de empatia cósmica e busca do inconsciente ecológico. “Alguém estava desejando ver a alma? Veja sua própria forma e semblante, pernas, substâncias, animais, árvores, rios que correm, rodas e areias”, escreveu o poeta Walt Whitman (1999).

Que os traumas vividos nestes tempos não destruam a compaixão nem as ligações profundas de nossa comunidade humana/natureza. Que nossos traumas não nos afastem uns dos outros e que possamos desenvolver antídotos para essa crise ecosófica com humildade, autorregulações de medos e ampliação de valores éticos. Terapeutas familiares podem fazer parte do coro que constrói a voz que sustenta e possibilita a paz na saúde planetária. Criaremos segundo o que acreditamos.

CONFLITO DE INTERESSE

Nada a declarar.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

REFERÊNCIAS

- Antonov, V. (2012). *Ecopsicologia. Vozes*.
- Baker, C. (2020). *Love in the age of Ecological Apocalypse*. Unabridged Audiobooks.
- Bateson, G. (1985). *Pasos hacia una ecologia de la mente*. Carlos Lholé.

- Bendell, J. (2020). *Adapting deeply to likely collapse: an enhanced agenda for climate activists?* Recuperado de <https://jembendell.com/2020/01/15/adapting-deeply-to-likely-collapse-an-enhanced-agenda-for-climate-activists/>
- Biehl, J., & Petryna, A. (2014). Peopling global health. *Saúde e Sociedade*, 23(2), 376-389. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000200003>
- Capra, F. (2006). *O ponto de mutação*. Cultrix.
- Chalquist, C., & Butell, L. (2009). *Ecotherapy: healing with nature in mind*. Counterpoint LLC.
- Colapinto, J., Minuchin, P., Minuchin, S. (2009). *Pobreza, Instituição, Família*. Amorrortu.
- Cummings, E. E. (2016). *Complete Poems*. George J. Irmage.
- Estulin, D. (2019). *Transrevolução: a era da iminente desconstrução da humanidade*. Vide.
- Ferreira, H. G. G. (2022). Ecoansiedade, saúde mental e sintomas do adoecimento psíquico: a crônica destruição da casa comum e os impactos do afastamento do sujeito humano da natureza. *Revista FT*, 117. <https://doi.org/10.5281/zenodo.7409557>
- Guattari, F. (2022). *As três ecologias*. Papirus.
- Guterres, A. In ONU News (2023). Perspectiva global. Reportagens humanas. *ONU News*.
- Jung, C. G. (2013). *Símbolos da transformação*. Vozes.
- Lederach, J. P. (2011). *A imaginação moral: ante a alma na construção da paz*. Palas Athena.
- Morin, E., & Kern, A. B. (2023). *Terra Pátria*. Sulina.
- Naess, A. (1989). *Ecology, community and lifestyle*. Cambridge University Press.
- Ojala, M. (2019). *Lidando com mudanças climáticas: implicações para o bem-estar subjetivo*. Departamento de Educação, Universidade de Uppsala.
- Papa Francisco (2023). *Exortação Apostólica Laudate Deum: a todas as pessoas de boa vontade sobre a crise climática*. Paulinas.
- Pinkola, P. (2022). Eco-ansiedade, tragédia e esperança: dimensões psicológicas e espirituais do clima. *Journal of Religion and Science*, 53(2), 545-69.
- Rinne, P., Tavast, M., Glergan, E., & Sams, M. (2023). Mapas corporais de amores. *Psicologia Filosófica*.
- Roszak, T. (1995). Where Psyche Meets Gaia. In T. Roszak, M. E. Gomes & A. D. Kanne (Eds.). *Ecopsychology: Restoring the Earth, healing the mind* (p. 130-145). Sierra Club Books.
- Russell, P. (1991). *O Despertar da Terra: o cérebro global*. Cultrix.
- Villaseñor Galarza, A. (2017). *Coração do céu, Coração da Terra: a espiritualidade na era planetária*. Createspace Independent Publishing Platform.
- Weil, P., Leloup, J. -Y., & Crema, R. (2014). *Normose: a patologia da normalidade*. Vozes.
- Whitman, W. (1999). *Canto de mim mesmo*. Assirio e Alvim.
- Zampieri, A. M. F. (2016). *Los aportes teóricos de Lo Disruptivo al EMDR con damnificados de catástrofes naturales en Brasil (2008-2011)*. Universidad del Salvador.
- Zampieri, A. M. F. (2023). *Coragem, resiliência e esperança: assistência psicológica humanitária integrativa na pandemia de Covid-19*. Appris.